

**DOM HELDER CAMARA, ARCEBISPO DE OLINDA E RECIFE,  
E O CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965)**

Martinho Condini<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo está dividido em dois momentos: no primeiro apresentarei três fases significativas na trajetória de Dom Helder Camara até sua chegada a Recife. O segundo momento mostrará como foi a sua participação no mais importante acontecimento da Igreja católica no século XX, o Concílio Vaticano II, realizado em Roma no início da década de 1960. A idealização e início do Concílio Vaticano II, em 1962, aconteceu no papado de João XXIII, morto em 1963. A continuidade do Concílio e o encerramento se deu com o Papa Paulo VI em 1965. Poderemos perceber a importância de Dom Helder Camara nos bastidores do Concílio, onde o seu papel aglutinador entre os religiosos da América Latina e do Terceiro Mundo foi muito importante para se construir bispos uma igreja propositiva e servidora, voltada para os pobres e excluídos. A sua ação política e pastoral anterior, durante e posterior ao Concílio estimulou reflexões teológicas e possibilitou a produção de uma teologia da libertação e a construção de uma nova igreja.

**Palavras-chave:** Dom Helder Camara, Concílio Vaticano II, Igreja dos pobres, Teologia da libertação

**Abstract:** This article is divided into two stages: in the first, I will present three significant phases in the trajectory of Dom Helder Camara until his arrival in Recife. The second part will show his participation in the most important event of the Catholic Church in the twentieth century, the Second Vatican Council, held in Rome in the early 60's. The idealization and beginning of the Second Vatican Council in 1962 happened in the papacy John XXIII, who died in 1963. The continuity of the Council and the closure took place with Pope Paul VI in 1965. We will be able realize the importance of Dom Helder Camara in the Council backstage, where his unifying role among religious figures of Latin America and the Third World was very important to build bishops and a propositional and server church, dedicated to the poor and excluded. His political action and previous pastoral, during and after the Council, encouraged theological reflection and made possible the production of a liberation theology and the construction of a new church.

**Keywords:** Dom Helder Camara, the Second Vatican Council, the Church of the poor, liberation theology

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa Educação: Currículo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), profcondini@gmail.com.

## Introdução

O Concílio Vaticano II foi o mais importante acontecimento da Igreja Católica no século XX. Neste artigo, tenho como objetivo fazer uma apresentação concisa da participação de Dom Helder no Concílio e como esta influenciou suas ações como arcebispo na arquidiocese de Olinda e Recife entre os anos de 1964 a 1985, período que coincide com o governo militar no Brasil.

Antes, porém, pontuarei três momentos significativos na vida de Dom Helder: primeiro, o período de 1936 à 1964, quando ele viveu na cidade do Rio de Janeiro, capital federal até 1960. Segundo, sua transferência para Pernambuco em 1964, e em terceiro, sua chegada como arcebispo na arquidiocese de Olinda e Recife, naquele mesmo ano.

## Dom Helder Camara no Rio de Janeiro

Na cidade do Rio de Janeiro, Dom Helder viveu por trinta e seis anos, que foram marcados por acontecimentos significativos em sua vida. Nos primeiros dez anos, ele trabalhou em vários órgãos da Secretaria da Educação e também do Ministério da Educação. Sempre ocupando cargos técnicos. Apesar de exercer funções técnicas, seus cargos também foram políticos, pois, ele estava de certa maneira representando a Igreja Católica na área educacional.

Desde o final do ano de 1947, padre Helder, que era o vice-assistente do secretariado da *Ação Católica Brasileira (ACB)*<sup>2</sup>, defendia a necessidade dos bispos atuarem de maneira mais organizada e unificada, pois as distâncias dificultavam o diálogo entre eles, as oportunidades de se reunirem com mais frequência para

---

<sup>2</sup> A *Ação Católica Brasileira (ACB)* foi um movimento controlado pela hierarquia da Igreja e fundado pelo cardeal Leme, em junho de 1935. O seu objetivo era formar leigos para colaborar com a missão da Igreja daquela época: *salvar as almas pela cristianização dos indivíduos, da família e da sociedade*. A partir dos anos 1950, a entidade passou a ter grupos específicos de leigos: Juventude Operária Católica (JOC), que já existia, Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Agrária Católica (JAC) e a Juventude Independente Católica (JIC). A Ação Católica Brasileira volta-se para o apostolado em geral e, em especial, para o apostolado social. No CEDIC (Central de Documentação e Informação Científica “Prof. Casemiro dos Reis Filho”) pode-se encontrar uma vasta documentação sobre a ACB. Sediado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o CEDIC vem reunindo, ao longo dos últimos anos, uma vasta e preciosa documentação sobre a Ação Católica no Brasil.

discutirem não só os problemas relacionados à Igreja, mas também os problemas nacionais, e proporem alternativas de resolução de tais problemas. Ele achava que essas dificuldades levavam o clero à dispersão e que isso poderia comprometer o futuro da Igreja no Brasil.

Foi diante dessa realidade do episcopado brasileiro e do interesse em possibilitar uma maior interação entre os bispos no território nacional que padre Helder idealizou a criação da CNBB, *a primeira experiência desse tipo no mundo* (BARROS, M., 2011, p. 153). Recebeu o apoio da Secretaria de Estado do papa Pio XII, por meio do subsecretário de Estado, monsenhor Giovanni Batista Montini, posteriormente eleito papa Paulo VI (1963-1978). Apoio recebido também, da maioria dos bispos brasileiros, que também acreditavam ser necessário modernizar a administração da Igreja, unificar o episcopado, a fim de ampliar a influência política e social da Igreja no Brasil, como também engajar o bispado na busca de soluções para os problemas sociais brasileiros.

Uma de suas preocupações era a construção de uma base sólida para a futura entidade. Por isso, antes da criação da CNBB, padre Helder realizou inúmeros encontros regionais para que os bispos fossem se conhecendo e estreitando as relações entre si.

Durante o processo de criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil aconteceu a sagração episcopal de padre Helder, em abril de 1952. Mesmo depois que se tornou bispo continuou a ser chamado pelos amigos de padre Helder, o que muito lhe agradava. Como bispo, a ação de dom Helder<sup>3</sup> para a criação da CNBB foi facilitada pela proximidade que ele passa a ter para dialogar com os bispos e com a Cúria Romana.

Após aproximadamente cinco anos de intensa campanha frente aos bispos do Brasil e ao Vaticano, em 14 de outubro de 1952 ocorreu a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB. Dom Helder foi a principal liderança na tentativa de que todo o episcopado nacional aderisse a esse novo projeto para a Igreja Católica brasileira. Havia por parte das dioceses nordestinas uma preocupação mais acentuada em relação às desigualdades sociais, se comparadas às dioceses do Sul. Essa diferença era reflexo da influência de dom Helder no arcebispado nordestino.

Após a fundação da CNBB, dom Helder foi seu secretário-geral por doze anos. Nesse período, a entidade se transformou num ativo centro de iniciativas e divulgação da conjuntura nacional em setores diferenciados. Ele incorporou à entidade um estilo de

---

<sup>3</sup> A partir da narrativa de sua sagração como bispo no Rio de Janeiro, passo a referir-me a Helder Camara neste artigo apenas como *dom Helder*.

Igreja moldado nos documentos do *Concílio Vaticano II* (1962-1965), instituindo uma maior participação dos leigos nas ações da Igreja, bem como fazendo com que a Igreja fizesse, oficialmente, a sua opção para a *Igreja dos Pobres*. Possibilitou reflexões sobre a liberdade religiosa, o reconhecimento pela Igreja de outras religiões não-cristãs, o ecumenismo, a missão social da Igreja, a responsabilidade do clero diante dos problemas sociais que afligiam o Brasil e o terceiro mundo e a responsabilidade da Igreja na construção de uma educação libertadora.

É importante salientar que, diante de uma Igreja Católica historicamente conservadora e autoritária como a brasileira, a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil foi um acontecimento surpreendente que gerou mudanças significativas na atuação da Igreja no Brasil, com reflexos em toda a América Latina. Dom Helder foi se tornando uma liderança importante dentro da Igreja brasileira e latino-americana, a partir da segunda metade do século XX.

A mais importante mudança ocorrida na vida do homem e do religioso dom Helder teve início em 1955, quando ele foi incumbido de organizar e realizar o 36º *Congresso Eucarístico Internacional*, o primeiro do pós-guerra. O evento foi grandioso, aproximadamente um milhão de pessoas estiveram presentes no Aterro da Glória, na cidade do Rio de Janeiro. A partir da organização desse evento, dom Helder passou a ter novas atitudes em relação aos pobres. Isso não significa que anteriormente ele não as tinha, mas que, agora, era uma atitude de dedicação exclusiva à causa dos pobres da cidade do Rio de Janeiro. O que o motivou a iniciar efetivamente um trabalho com os moradores de favelas foi uma conversa com o cardeal francês Gerlier, titular apostólico de Lyon.

O cardeal Gerlier manifestou a sua surpresa com a organização do evento, com o dinamismo de dom Helder e o quanto o evento tinha sido proveitoso. E acreditava que isso tudo aconteceu pela competência do organizador, referindo-se a dom Helder. O cardeal Gerlier, em conversa com dom Helder, mexeu com os sentimentos do religioso brasileiro, ao comentar sobre as favelas no Rio de Janeiro. E pediu a dom Helder que pusesse todo o seu talento de organizador a serviço dos pobres. Dom Helder, disse ao cardeal, que de agora em diante ele se consagraria à causa dos empobrecidos.

O trabalho com os favelados teve início assim que terminou o Congresso, fruto do diálogo com o cardeal Gerlier. A sua primeira atitude foi transformar toda a madeira utilizada no Congresso para fazer moradias para os que não tinham onde morar. A partir desse acontecimento nasceu o *bispo das favelas*, apelido que recebeu pelos que

reconheciam a sua atitude para com aquela população que vivia em miseráveis barracos. Para dom Helder, os problemas sociais que afligiam a sociedade seriam resolvidos a partir da raiz; era preciso haver mudança nas estruturas.

Dessa iniciativa dom Helder criou o seu primeiro trabalho político educacional, um ousado movimento para amenizar o problema das favelas e em prol da promoção humana: foi a *Cruzada São Sebastião*, em homenagem ao padroeiro da cidade. Ela consistia numa possível transferência dos moradores das favelas para prédios de apartamentos onde eram as favelas, isto é, próximos às áreas nobres da zona sul da cidade. A finalidade era aproximar os trabalhadores dos seus lugares de trabalho, como também dar solução humana e cristã ao problema das favelas. Em outubro de 1955 oficializou-se a criação da Cruzada São Sebastião.

Uma de suas preocupações era impedir que os edifícios se tornassem favelas verticais. Para isso, criou um programa, auxiliado por assistentes sociais, para sensibilizar os moradores às suas novas condições de vida, a fim de orientá-los como administrar o conjunto habitacional e também realizar um trabalho de formação cristã.

Para dom Helder era evidente que a Cruzada São Sebastião não resolvia o problema de moradia no Rio de Janeiro e que era necessário mexer com as estruturas, principalmente com a questão do êxodo rural, que, segundo ele, era um dos principais causadores do crescimento das favelas. Uma das propostas que defendia para solucionar o problema era a desfavelização urbana, com a implantação por parte do governo de políticas agrárias voltadas para a redistribuição de terras, ou seja, iniciar uma reforma agrária.

Mesmo diante de tantas dificuldades estruturais, ele sabia que seu trabalho não era em vão, principalmente porque foi a partir desse trabalho com as comunidades das favelas que ele mudou o sentido do seu trabalho e de sua vida.

A *Cruzada São Sebastião*, uma das primeiras experiências de habitação popular no Brasil, teve seus méritos: deu oportunidade para grupos excluídos da sociedade adquirirem uma moradia digna e lhes possibilitou serem reconhecidos como cidadãos.

Atreladas à Cruzada São Sebastião, dom Helder criou, no decorrer dos anos, outras entidades que contribuíram e auxiliaram nos trabalhos de promoção humana dos

habitantes das favelas, a saber: a *‘Feira da Providência, o Banco da Providência e a Comunidade de Emaús’*<sup>4</sup>.

A *Feira da Providência* acontecia uma vez por ano com o objetivo de arrecadar fundos para o *Banco da Providência*, que utilizava esses fundos para ajudar às camadas mais carentes da sociedade.

A *Comunidade de Emaús* acolhia mendigos, bêbados, drogados, moradores de rua etc. que precisavam de ajuda para recuperar sua autoestima e cidadania. A esses era dada a oportunidade de reiniciar a vida com algum tipo de trabalho, casa, comida e orientação humana.

Todas as ações sociais realizadas por dom Helder, somadas à sua atuação na CNBB, projetaram-no nacionalmente. Suas opiniões, em todas as esferas, eram de grande repercussão; a sua liderança dentro e fora da Igreja era marcadamente reconhecida pelo Estado brasileiro e pelo Vaticano.

### **Dom Helder, a transferência para Pernambuco**

Apesar do bom relacionamento entre o cardeal do Rio de Janeiro, dom Jaime Câmara, e o seu arcebispo auxiliar, dom Helder, no decorrer do governo de João Goulart<sup>5</sup> as diferenças entre ambos começaram a ficar mais evidentes. Em certa ocasião, numa missa em homenagem a São Vicente de Paulo, dom Helder aproveitou o momento e afirmou que a missão dos católicos era promover a justiça e resolver os problemas sociais e encerrou o seu discurso dizendo que se “São Vicente estivesse vivo, sua caridade faria com que lutasse pela justiça” (apud PILETTI; PRAXEDES, 2008, p. 242).

Ficou evidente nesse seu discurso que, para ele, a atuação social e política da Igreja no combate às injustiças era prioridade para se encontrar soluções para os

---

<sup>4</sup> A *Feira da Providência, o Banco da Providência e a Comunidade de Emaús* são entidades que estão até hoje em funcionamento na cidade do Rio de Janeiro e com os mesmos propósitos e objetivos da época de suas criações. A Feira da Providência hoje é realizada no Riocentro, em Jacarepaguá, visitada por milhares de pessoas.

<sup>5</sup> João Goulart (1919-1976), conhecido popularmente como Jango, foi ministro do trabalho no governo do presidente Getúlio Vargas (1950-1954), vice-presidente nos governos do presidente Juscelino Kubitschek (1955-1960) e do presidente Jânio Quadros (1961). Após a renúncia de Jânio Quadros, Jango assume o governo (1961-1964). Em 31 de março de 1964 um Golpe de Estado, liderado pelas Forças Armadas, depõe Jango da presidência e instaura uma Ditadura Militar, que dura até o ano de 1985.

problemas sociais da humanidade, ao contrário do que apregoava a maioria do clero brasileiro, que priorizava o combate ao comunismo ateu e a cristianização da sociedade como caminho para a resolução das questões de injustiça social.

A maneira de dom Helder entender como deveria ser a atuação social e política da Igreja foi corroborada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), que apontava uma nova missão da Igreja para o terceiro milênio. Um documento da época que reflete esse processo de mudança foi o *Pacto das Catacumbas*<sup>6</sup>, que teve dom Helder como um dos idealizadores e lideranças do grupo. Diz o Documento:

Nós, bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós quereria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos irmãos do Episcopado, contando, sobretudo com a graça e a força do Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes e nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue: Procuraremos viver segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à habitação, à alimentação, aos meios de locomoção e a tudo que daí se segue; para sempre renunciarmos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje, nas insígnias de matéria preciosa. Nem ouro nem prata. [...] Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, coração, meios, etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o senhor chama a evangelizarem os pobres e operários compartilhando a vida operária e o trabalho [...]. (KLOPPENBURG, 1966, p. 526-528)

Na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, o *grupo de dom Helder*, também denominado de *progressistas*, acreditava que o comunismo seria combatido por

---

<sup>6</sup> *Pacto das Catacumbas* foi um documento redigido e assinado por quarenta padres participantes do Concílio Vaticano II (1962-1965), entre eles bispos latino-americanos e brasileiros, em 16 de novembro de 1965. Este documento foi firmado após a eucaristia na Catacumba de Domitila. Por este documento de 13 itens, os signatários comprometeram-se a levar uma vida de pobreza, rejeitar todos os símbolos ou privilégios do poder e a colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral. Comprometeram-se também com a colegialidade, a corresponsabilidade da Igreja como Povo de Deus e com a abertura ao mundo e acolhida fraterna. Um dos principais proponentes do pacto foi Dom Helder Camara. Além de Dom Helder Camara, os outros bispos brasileiros signatários do pacto foram: Dom Antônio Fragoso, Dom Francisco Austregésio de Mesquita Filho, Dom João Batista da Mota Albuquerque, Dom Luiz Gonzaga Fernandes, Dom Jorge Marcos de Oliveira, Dom Henrique Golland Trindade e Dom José Maria Pires. Este pacto influenciou a nascente *Teologia da Libertação* e os rumos da IIª Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, realizada em Medellín, Colômbia, em 1969.

meio da implantação das *reformas de base*, do atual governo, que poderiam possibilitar um processo de diminuição das condições de miséria e exploração da população mais pobre do país. Para eles, a luta política dos cristãos era um caminho a contribuir para a construção de um país mais justo.

Nesse período acontecia o Concílio Vaticano II (1962-1965), que irei abordar posteriormente, com a participação de Dom Helder. Na segunda sessão do Concílio, em setembro de 1963, em Roma, dom Helder foi informado que a Secretaria de Estado do Vaticano tinha um dossiê que o denunciava como comunista. Esse fato não alterou a sua atuação nos bastidores do Concílio, mas era um indício de que sua transferência do Rio de Janeiro aconteceria a qualquer momento.

No Brasil, a radicalização em torno do apoio ou não ao Governo Jango acirrava as divergências também entre os membros do clero. Diante desse quadro, a vertente progressista da Igreja, da qual dom Helder era um dos principais líderes, não só se mostrava simpatizante das *reformas de base* do Governo Jango como também colaborava em algumas ações governamentais. Essa situação deixava ainda mais evidente o interesse do cardeal dom Jaime Câmara em transferir dom Helder da diocese da cidade do Rio de Janeiro para uma diocese que fosse de pouca expressão e influência.

Em 7 de março de 1964, dom Helder encontrava-se em Roma quando, o Vaticano expede a sua designação oficial para a cidade de São Luís, capital do Maranhão. Nesse mesmo dia, horas mais tarde, em função do inesperado falecimento de dom Carlos Coelho, arcebispo de Olinda e Recife, dom Helder é comunicado que será transferido para a cidade de Recife. Em 12 de março é nomeado pelo papa Paulo VI arcebispo de Olinda e Recife. Esta nomeação pode ser entendida como uma aprovação do papa à sua linha de atuação e conduta. Em audiência no dia 13 de março, o papa Paulo VI foi enfático com dom Helder:

Sei que lhe custará muito arrancar-se do seu Rio e que aos seus colaboradores será também penosíssimo vê-lo partir. Quero que saibam que o papa também sofreu. Mas tenham certeza de que tudo vai correr bem: quando uma criatura fica assim nas mãos de Deus, [Ele] opera maravilhas [...]. O Brasil inteiro entenderá o alcance de sua nomeação para Recife, a uma semana da morte de seu antecessor. (apud PILETTI; PRAXEDES, 2008, p. 246)

Ao contrário do que pretendia a ala conservadora da Igreja, enviar dom Helder para uma diocese pequena e sem expressão, ele foi nomeado arcebispo da cidade de



Olinda e Recife, centro político do Nordeste. O governador pernambucano, Miguel Arraes, era um incentivador das reformas de base e o sindicalismo rural da região, especialmente as ligas camponesas, se destacavam na luta pela reforma agrária.

A eminente possibilidade de um ato golpista por parte dos opositores ao governo Jango fez com que dom Helder e o cardeal Mota fossem ao Rio de Janeiro, ao Palácio das Laranjeiras, numa audiência com o presidente Jango, para alertá-lo sobre as ameaças de um golpe ao seu governo e do seu equívoco em acreditar que tinha o apoio dos militares para se manter no poder.

Aconteceu em 31 de março de 1964 a deposição do presidente Jango por meio de um golpe militar. Iniciou-se no Brasil uma ditadura comandada pelas forças armadas, no poder por vinte e um anos. O Governo Militar assumiu o poder com a promessa de realizar mudanças estruturais no país, as quais não ocorreram; as elites brasileiras mantiveram seus privilégios políticos, econômicos e sociais. Esse governo teve o seu processo político caracterizado por um regime antidemocrático sem precedentes em nossa história; a prática da censura, da perseguição, da repressão política, do exílio, da prisão, da tortura e dos assassinatos aos seus opositores deixaram máculas e sequelas profundas na história do país.

### **Dom Helder Camara, arcebispo de Olinda e Recife**

É nesse contexto que dom Helder é transferido do centro político nacional, a cidade do Rio de Janeiro, para o centro político do nordeste brasileiro, a cidade de Recife. A sua transferência desencadeou o início de uma nova fase em sua vida, que está diretamente relacionada com o momento político pelo qual o país passava. No período ditatorial, paulatinamente, o arcebispo tornou-se uma das principais vozes opositoras ao regime militar e uma das mais eloquentes lideranças eclesiais do Brasil e da América Latina.

Alguns dias após o golpe, em 11 de abril de 1964, em Recife, dom Helder foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. O momento histórico era delicado e preocupante. As incertezas em relação às atitudes do novo governo e aos rumos que a nação tomou eram inúmeras. Apesar da turbulência política, o arcebispo de Olinda e Recife manteve-se numa posição de expectativa. Preferiu esperar os acontecimentos, observar a postura dos governistas e dos opositoras para se pronunciar. Desta

maneira, foi possível manter o diálogo com grupos de tendências e opiniões diferenciadas em relação ao momento pelo qual passava o país.

Em sua mensagem de posse, em 12 de abril de 1964, deixou claro que a aceitação ao novo governo poderia acontecer desde que o mesmo estivesse comprometido com a realização das reformas de base, no âmbito educacional, tributário, eleitoral e agrário, propostas pelo governo deposto.

Em nosso país todos entendem e proclamam a inadiabilidade das reformas de base. Havia, da parte de muitos, desconfiança em relação aos executantes das reformas e, sobretudo, medo da infiltração comunista. Agora que a situação mudou, não temos tempo a perder. Que venham sem demora as esperadas reformas. (CAMARA apud BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 92)<sup>7</sup>

Em outro trecho de sua mensagem de posse ele apontava como seria a sua prática à frente da Arquidiocese de Olinda e Recife. Enfatizou que iria trabalhar e dialogar com todos os cidadãos, independente de suas ideologias, crenças ou religião. Essa atitude mostrava a sua singularidade, o seu interesse pelo bem comum, a preocupação com o ecumenismo e o respeito às diferenças.

Um nordestino falando a nordestinos, com os olhos postos no Brasil, na América Latina e no mundo. Uma criatura humana que se considera irmão de fraqueza e de pecados de todos os homens, de todas as raças e de todos os cantos do mundo. Um cristão se dirigindo a cristãos, mas de coração aberto, ecumenicamente, para os homens de todos os credos e de todas as ideologias. Um bispo da Igreja Católica que, à imitação de Cristo, não vem para ser servido, mas para servir. (CAMARA apud BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 86-87)

Apesar das mudanças políticas e das incertezas que pairavam no país, ele estava disposto a ser o arcebispo de todos. A sua vontade era dialogar com os vários segmentos da sociedade e sua preferência era pelos menos favorecidos:

Ninguém se escandalize quando me vir freqüentando criaturas tidas como indignas e pecadoras. [...] Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes ou perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, antireformista ou reformista, antirevolucionário ou revolucionário, tidas como de boa-fé ou de má-fé. [...] Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um

---

<sup>7</sup> Mensagem de tomada de posse de dom Helder como arcebispo de Olinda e Recife, em 12 de abril de 1964. Cf. Barros e Oliveira (2000): esta obra contém mensagens, discursos e palestras proferidas por dom Helder durante o período em que foi arcebispo de Olinda e Recife e após a sua aposentadoria como arcebispo emérito de Olinda e Recife.

partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote as suas inimizades. [...] Minha porta e meu coração estarão abertos para todos, absolutamente a todos. Cristo morreu por todos os homens: a ninguém devo excluir do diálogo fraterno. [...] Claro que, amando a todos, devo ter a exemplo de Cristo, um amor especial pelos pobres. (CAMARA apud BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 86)

Ele afirmou que a erradicação da miséria não acontece com medidas paliativas, mas com profundas transformações nas estruturas políticas, econômicas e sociais. Sobre a miséria que assolava uma grande parte da humanidade, disse: *a miséria é revoltante ou aviltante: fere a imagem de Deus que é cada homem; viola o direito e o dever do ser humano ao aperfeiçoamento integral* (CAMARA apud BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 87).

Ele acreditava que algumas decisões imediatas eram necessárias, voltou a apresentar intenso inconformismo e preocupação com a miséria e fez uma alusão às palavras na bandeira brasileira, *Ordem e Progresso*, que serviram de lema para a justificativa para o golpe militar:

[...] não venho ajudar ninguém a se enganar, pensando que basta um pouco de generosidade e de assistência social. Sem dúvida, há misérias gritantes diante das quais não temos direito de ficar indiferentes. Muitas vezes, o jeito é dar atendimento imediato. Mas não vamos pensar que o problema se restringe a algumas pequenas reformas, e não confundamos a bela e indispensável noção de ordem, fim de todo progresso humano, com contrafações suas responsáveis pela manutenção de estruturas que todos reconhecem não podem ser mantidas. (CAMARA apud BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 87)

Mesmo dentro de um contexto tão desfavorável como o de uma ditadura, onde o medo era constante, ele fazia apelo para que as pessoas tivessem coragem de salvar as coisas positivas e que não se esquecessem de expressões importantes que caíram no esquecimento e que deviam acreditar nos ideais.

[...] tenhamos serenidade de espírito e coragem cristã para salvar idéias justas, encarnadas em expressões que, no momento, soam como palavras proibidas e feias. Cultura popular, conscientização, politização, autopromoção talvez sejam nomes a serem provisoriamente esquecidos e até trocados. Mas, não podemos largar bandeiras certas pelo fato de andarem em mãos erradas [...]. (CAMARA apud BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 88)

Ele falava sobre o papel dos cristãos e destacava a sua preocupação com o subdesenvolvimento e a necessidade da justiça para que o homem pudesse alcançar o desenvolvimento:

[...] Aceleremos, sem perda de tempo, como obra cristã e de evangelização, o esforço do desenvolvimento. De nada adiantará venerarmos belas imagens de Cristo, digo mais, nem bastará que paremos diante do pobre e nele reconhecamos a face desfigurada do Salvador, se não identificarmos o Cristo na criatura humana a ser arrancada do subdesenvolvimento. Por estranho que a alguns pareça, afirmo que, no Nordeste, Cristo se chama Zé, Antônio, Severino. ‘Ecce Homo’: eis o Cristo, eis o Homem! Ele é o homem que precisa de justiça, que tem direito à justiça, que merece justiça. (CAMARA apud BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 91)

Dom Helder reafirmou a importância da sua prática em dialogar ecumenicamente com todos:

[...] Sempre teremos, ao menos espiritualmente, presentes, em nossas reuniões, em nossos estudos e em nossas preces, não só pessoas que pertençam a outras religiões, mas que até imaginem não possuir religião nenhuma. Confesso mesmo carinho especial pelos que, sem fé, tateiam na sombra, sobretudo quando se trata de ateus de nomes e cristãos de atos. (CAMARA apud BARROS; OLIVEIRA, 2000, p. 95)

É inegável que esse pronunciamento estava revestido de muita coragem, principalmente por causa da intolerância dos que ocupavam o poder político. No seu pronunciamento, dom Helder apresentou as suas ideias, suas preocupações, o seu comprometimento com as pessoas e o seu compromisso em procurar transformar a sociedade a partir do pobre. Revelou sua preocupação social, destacando os problemas do *Terceiro Mundo*. Afirmou a sua independência política. Enfim, ele denunciou as injustiças e as desigualdades que se cometiam aos homens. Considera-se esse pronunciamento um dos pilares iniciais da resistência da Igreja popular ao regime ditatorial. Esse pronunciamento de dom Helder demonstra que a Igreja estava ocupando o vazio ideológico naquele momento histórico. Enrique Dussel comentou o discurso de dom Helder:

[...] a 12 de abril dom Helder Camara pronuncia um discurso que, para mim, é um dos mais claros teologicamente, que já foram pronunciados na história da América; é realmente profético, à altura do de Montesino. [...]. Creio que desde o Concílio Vaticano II talvez não se

tenha tido nada mais claro [...]. Esta é a posição clara do profeta cristão, que vai lutar contra o liberalismo burguês, que vai lutar também contra a injustiça do poder, seja esta do tipo que for. Ao mesmo tempo também vai se levantar contra o marxismo ortodoxo e vai lhe dizer que não o pode aceitar por ser ateu, no sentido de que não é ateu, mas panteísta: ao absolutizar o todo nega o outro, e ao negar o outro nega a Deus e chega ao totalitarismo, um egoísmo fatal para o próprio sistema. (DUSSEL, 1985, p. 84-85)

Uma de suas preocupações era com a liberdade de ação na Arquidiocese, pois ele podia sofrer tanto a intransigência da direita conservadora atrelada ao governo do estado de Pernambuco, como também o patrulhamento da incisiva esquerda pernambucana. O mais importante para ele era a realização do seu trabalho conforme as diretrizes oriundas do Concílio Vaticano II e das encíclicas sociais do papa João XXIII, a *Mater et magistra* (de 1961) e a *Pacem in terris* (de 1963). Em relação aos princípios sociais, a *Mater et magistra* afirmava:

Ora, para que princípios sociais sejam postos em prática são necessárias três etapas: primeira, o estudo da situação concreta; segunda, o exame atento dessa situação, à luz dos princípios, terceira, enfim, a determinação do que pode ou deve ser feito para aplicá-los, de acordo com as circunstâncias de tempo e lugar. Essas três etapas são comumente expressas pelas palavras *ver, julgar, agir*. (MATER ET MAGISTRA, n. 236<sup>8</sup>, *italico no original*)

Fica demonstrado em várias passagens da sua mensagem de posse que a preocupação de dom Helder, como arcebispo, não era agradar à direita ou à esquerda, mas ser livre para atuar na sociedade segundo os seus valores éticos e morais e seguir as orientações das encíclicas do papa João XXIII e as decisões do Concílio Vaticano II. O seu compromisso era com os pobres e com a justiça, não importava a ele a quem iria agradar ou desagradar.

Quando falou ao povo em Recife em seu discurso de posse, dom Helder foi enfático em afirmar que seria o arcebispo de todos os nordestinos; ninguém iria determinar a quem ele iria falar e quem seriam os seus amigos. Essa postura mostra que o novo arcebispo de Olinda e Recife estava disposto a trabalhar para os mais necessitados sem se importar com possíveis tentativas do novo governo interferir em seu episcopado.

---

<sup>8</sup> Diferentemente de como ocorre na citação de livros, monografias e artigos científicos, as citações dos documentos da Igreja serão feitas a partir da numeração constante nos próprios documentos, dos parágrafos em vez das páginas em que se encontram as partes citadas.

A mensagem de posse de dom Helder pode ser considerada um elemento importante para se perceber que o arcebispo tinha como preocupação a realização de uma transformação histórica por meio das reformas de base, que poderiam levar a sociedade, principalmente os menos favorecidos, a uma nova realidade de vida. Ao mesmo tempo, não havia mais a ameaça comunista que lhe incomodava. Outra preocupação era a exploração capitalista sobre as áreas mais pobres do Brasil, da América Latina, África e Ásia, o terceiro mundo como um todo. Assim, ele deu o tom de como iria reger a Arquidiocese de Olinda e Recife. E, por isso, num primeiro momento, a sua relação com os militares foi marcada pelo diálogo, mas atitudes do Governo Militar começaram a desagradar à Arquidiocese de Olinda e Recife, principalmente dom Helder. Isso levou ao acirramento das relações entre o arcebispo e os militares.

Esse acirramento desencadeou um processo de ações que se tornaram rotineiras no cotidiano do arcebispo ao longo da ditadura, mais precisamente até 1978, com o intuito de molestá-lo e intimidá-lo perante as Forças Armadas. Documentos revistados, discursos, entrevistas e depoimentos censurados; a Igreja das Fronteiras, onde residia, foi algumas vezes metralhada. Mas a prática comum foi a perseguição indireta a dom Helder: companheiros religiosos e leigos perseguidos, presos, torturados e até assassinados.

Também foi imposto a ele, pelo regime militar, um *cala boca*, uma *lei do silêncio*”, praticamente uma *morte civil* com duração de sete anos (1970-1977). É interessante salientar que nos seis primeiros anos de regime militar dom Helder (1964 – 1970) foi o religioso mais perseguido, criticado e censurado no Brasil. Atacá-lo significava apoiar o governo militar.

Enquanto esse período de obscuridade fez de dom Helder um *morto vivo* dentro do Brasil, fora dele a sua voz ecoava pelos quatro cantos do planeta. Ele passou a ser um porta voz dos sem voz e sem vez. Em suas conferências internacionais se tornou um incansável defensor dos direitos humanos, bem como um crítico contumaz dos imperialismos capitalista e socialista e um defensor da paz e da justiça entre os homens.

Em nenhum momento durante todo o período da intensa perseguição a ele ou a companheiros dom Helder se deixou intimidar diante das ameaças, sejam elas vindas das Forças Armadas ou de setores influentes da sociedade que apoiavam o governo.

Em abril de 1977 o silêncio de dom Helder no Brasil cessou com a entrevista que a jornalista *Divane Carvalho*, repórter da sucursal do *Jornal do Brasil* em Recife,

fez com o arcebispo. A matéria teve como título *Quanto mais negra é a noite, mais carrega em si a madrugada*. Essa entrevista foi realizada quando dom Helder completava vinte e cinco anos de episcopado. Ele fez a seguinte avaliação: *nunca me senti um pastor simplesmente de almas. Sou um pastor de homens, de criaturas humanas. Com alma, corpo e todas as consequências. A mim interessam cada vez mais os grandes problemas humanos! Isto me parece, inclusive, uma obrigação evangélica* (CAMARA, 1977).

Durante mais de duas décadas dom Helder foi um arcebispo que esteve ao lado dos excluídos, oprimidos, perseguidos políticos, sempre clamando por justiça social e paz.

### **Dom Helder e o Concílio Vaticano II (1962-1965)**

A Igreja Católica no Brasil, por meio dos seus membros na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, teve uma destacada participação no Concílio. Dom Helder foi o religioso brasileiro que mais se destacou, principalmente nos bastidores do Concílio. É importante destacar que ele não fez nenhum pronunciamento nas plenárias conciliares durante todo o Concílio. Com vasta experiência no campo pastoral e nos trabalhos sociais realizados, principalmente na arquidiocese de Olinda e Recife, somado ao seu posicionamento no Concílio, ele contribuiu para uma renovação da Igreja no Brasil e na América Latina, caracterizada pela construção de uma Igreja que fez a sua opção pelos pobres.

Desde o início de 1959, quando foi anunciada a realização do Concílio Vaticano II, Dom Helder nutria uma grande esperança, sonhos e projetos para a construção de uma igreja mais ecumênica e evangélica, mais comprometida com os pobres e envolvida com o desenvolvimento das nações mais pobres, bem como a compreensão e diálogo entre o hemisfério norte e sul do planeta e a promoção da paz mundial.

Durante os quatro anos do Concílio Vaticano II (1962-1965), Dom Helder foi fraternalmente chamado pelos companheiros do episcopado de ‘Dom’. Ao chegar ao Concílio, Dom Helder era um quase desconhecido bispo auxiliar do Rio de Janeiro, que irá se transformar num dos protagonistas mais influentes da história da Igreja Católica no Brasil e no exterior na segunda metade do século XX. Um dos legados do Concílio

deixados por Dom Helder foram as duzentas e noventa e sete cartas escritas por ele, no período em que se realizaram as quatro sessões do Concílio. Pode-se dizer que era o seu diário do Concílio. Essas cartas eram enviadas àqueles que foram seus colaboradores no Rio de Janeiro desde a década de 40. E aos seus colaboradores em Recife, após sua transferência em 1964. As originais dessas cartas estão depositadas na fundação *Obras de Frei Francisco*, no Recife. Elas foram publicadas na obra *Dom Helder Camara, Obras Completas*, Vol. I, em Recife, pela Editora Universitária UFPE em 2004.

Conforme informações do jornalista francês, José de Broucker, biógrafo de Dom Helder, em seu livro *As noites de um profeta*, ao pegarmos as grandes obras que tratam do Concílio Vaticano II: *História do Concílio Vaticano II*, organizada por Giuseppe Alberigo; *Um diário do Concílio*, de Yves Congar e nas *Atas e atores do Vaticano II*, de Jan Grootaers; o nome de Dom Helder aparece apenas em quarenta e cinco páginas dentre as quatro mil páginas que foram escritas.

Estes números não refletem, a importância que o episcopado latino-americano exerceu no Concílio, principalmente, a atuação de Dom Helder, secretário geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB, e um dos responsáveis pela CELAM, Conferência Episcopal Latino Americana. Na época do Concílio, o Pe. Caporale, jesuíta e sociólogo americano, em sua obra *Os homens do Concílio*, afirmou sobre Dom Helder, *esse homenzinho afável e sorridente, que surpreendia os observadores não precavidos, por sua simplicidade [era] um dos mais notáveis organizadores de todo o episcopado católico* (BROUCKER, 2008, p.44).

Além da facilidade que Dom Helder tinha em organizar grupos, com intuito de debater e discutir sobre os temas abordados no Concílio, ele também se destacava como conscientizador, mobilizador, coordenador, aglutinador e articulador entre os bispos presentes no Concílio. O seu interesse era abrir espaço para o diálogo e cooperação entre os países desenvolvidos industrializados e os países subdesenvolvidos fornecedores de matéria prima. Com isso, aproximou os episcopados da África e da Ásia com a América Latina, para que pudessem juntos propor temáticas de interesse ao Terceiro Mundo <sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Terceiro Mundo é um termo da Teoria dos Mundos, originado na Guerra Fria (1945-1991), para descrever os países que se posicionaram como neutros na Guerra Fria, não se aliando nem aos Estados Unidos e os países que defendiam o capitalismo, e nem à União das Repúblicas Socialista Soviética e os países que defendiam o socialismo. O conceito mais amplo do termo pode definir os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, ou seja, os que possuem uma economia e/ou uma sociedade pouco ou insuficientemente avançadas.



A destacada presença de Dom Helder durante o Concílio, se justifica pela sua presença em grupos informais de trabalho, criadas por ele com a ajuda de outros padres conciliares, como também criada por outros padres, com sua efetiva participação. O objetivo desses grupos era fazer com que as conferências episcopais se reunissem para trocar experiências, ideias teológicas, estabelecer uma relação entre si, propor iniciativas e fazer encaminhamentos para o Concílio. Uma das experiências mais bem sucedidas foi o *Grupo da Domus Mariae*, nome do colégio onde se hospedavam os padres conciliares brasileiros e realizavam-se as reuniões do grupo, que tinha a presença de conferências episcopais de todos os continentes.

Nas reflexões do grupo *Domus Mariae*, havia a presença de um grupo de renomados teólogos e especialistas, denominados *Opus Angeli*, que auxiliavam os bispos, principalmente os brasileiros, nas sessões do Concílio e nos intervalos, com textos e intervenções a serem lidas na Basílica de São Pedro. A constante presença desses teólogos no Domus Mariae e em contato com os padres conciliares brasileiros, fez com que ao final do Concílio Vaticano II, a conferência episcopal brasileira fosse a mais bem preparada para executar as decisões estabelecidas no encerramento do Concílio Vaticano II em 1965.

Sobre o grupo *Domus Mariae* Dom Helder afirmou: *Os encontros não oficiais, nos quais os bispos de todos os continentes se encontraram e conversaram fraternalmente, são tão importantes quanto os debates formais na Basílica* (ARAÚJO, 2012, p.107).

Em seu artigo Dom Helder Camara e o Concílio Vaticano II, o Pe. José Oscar Beozzo afirma que: *Na pesquisa de Caporale, um jornalista norte-americano que tenta levantar, durante a segunda sessão (1963), as figuras mais influentes do Concílio, Dom Helder surge no grupo das dezoito personalidades de proa e o grupo da Domus Mariae, como o mais significativo* (BEOZZO apud ROCHA, 1999, p.105).

A sua participação também foi ativa em outro grupo que ajudou a criar durante o Concílio, denominado *igreja dos pobres*, onde havia com ele mais oito brasileiros, num total de oitenta e seis padres conciliares. A proposta eclesial do grupo era *Por uma Igreja servidora e pobre*. Sobre esta expressão, comenta Dom Helder: *Agrada-me muito aquela expressão que vem dos nossos irmãos franceses: A Igreja servidora e pobre. O Espírito Santo nos interpelou, convocou-nos e abriu nossos olhos sobre o dever dos*

*cristãos, mas, sobretudo dos bispos, de fazer como Cristo, que pertence a todos aqueles que sofrem. Começamos a procurar de que modo a Igreja, mas antes de tudo cada um de nós, pode ser 'servo e pobre (CAMARA, apud ARAUJO, 2012, p. 108).*

O grupo *igreja dos pobres* estava afligido com a miséria da maioria da população mundial e preocupado em encontrar soluções para erradicar a pobreza e o abandono. Para esse grupo era de fundamental importância que o comprometimento da Igreja com os pobres estivesse registrado em todos os documentos conciliares.

Este grupo assinou o *Pacto das Catacumbas*, ao final do Concílio, na *Catacumba de São Calisto*, documento este que Dom Helder Camara teve uma significativa participação em sua redação. O texto estabelece uma série de práticas e compromissos que são assumidos na vida cotidiana e na caminhada dos cristãos comprometidos com uma Igreja servidora e pobre: vida pobre e com dedicação aos pobres. Apesar do grupo não conseguir decolar as suas propostas no decorrer do Concílio, o Pacto das Catacumbas despertou reflexões e uma grande repercussão profética e espiritual.

Para Dom Helder estava claro que a proposta da criação da *Igreja dos Pobres*, tão desejada pelo papa João XXIII não havia prosperado no Concílio. Por isso, atuou com tanto empenho nos grupos *Domus Mariae*, *Igreja dos Pobres* e no *Pacto das Catacumbas*, para que, na América Latina e no restante do Terceiro Mundo, a criação da *Igreja dos Pobres* se tornasse a questão eclesial a ser alcançada.

Ao perceber que o Concílio não respondera às necessidades e expectativas do Terceiro Mundo, e mais especificamente à América Latina, Dom Helder, após o seu término procurou o papa Paulo VI. Em uma audiência particular, ele propõe ao papa que escrevesse uma encíclica sobre a importância do desenvolvimento dos povos. Nesta conversa o papa houve do seu amigo, Dom Helder Camara: *O desenvolvimento é o novo nome da paz* (BARROS, 2011, p. 158). E também, que esse documento atingisse o mundo desenvolvido, afim de percebessem que o problema da miséria e do subdesenvolvimento é um problema que afeta toda a humanidade. Em 1967, a encíclica *Populorum Progressio*<sup>10</sup> estava consolidada. Atribui-se a Dom Helder a inspiração para a redação de tal documento.

---

<sup>10</sup> *Populorum progressio (Progresso dos povos)* é uma encíclica escrita pelo Papa Paulo VI e publicada em 26 de março 1967. A encíclica é dedicada à cooperação entre os povos e ao problema dos países em desenvolvimento. O texto denuncia o agravamento do desequilíbrio entre países ricos, critica o neocolonialismo e afirma o direito de todos os povos ao bem-estar. A encíclica propõe a criação um

Para Dom Helder, a consolidação dessa encíclica garantia as discussões das propostas não aprovadas no Concílio e que estavam atreladas aos interesses do grupo da *Igreja dos Pobres*. Por isso, as conferências latinoamericanas realizadas pelo CELAM, nas décadas de 60 e 70, Medellín (Colômbia), Puebla (México) e São Domingos (São Domingos) foram fundamentais para que as práticas de *Igreja servidora e pobre* idealizada no Concílio fosse colocada em prática na América Latina e em outros países do Terceiro Mundo. Dom Helder escreveu no número 15 do documento 5 da Conferência Episcopal Latino Americana em Medellín:

Que se apresente cada vez mais nítido, na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo o poder temporal e corajosamente comprometida na libertação de todo o ser humano e de toda a humanidade (Medellín 5,15; apud BARROS, 2011, p.158)

A postura de Dom Helder perante o Concílio - a opção preferencialmente pelos pobres - o acompanhava desde os seus trabalhos no Rio de Janeiro. Acentuou-se ainda mais a partir do seu episcopado à frente da arquidiocese de Olinda e Recife, durante a ditadura militar, e após a sua aposentadoria até a sua morte em 1999, em Recife.

Enfim, a atuação de Dom Helder Camara nos bastidores e nos grupos formados no Concílio, influenciou na ampliação da opção preferencialmente pelos pobres em outros episcopados, na América Latina e outros países do Terceiro Mundo. A sua ação pastoral também estimulou reflexões teológicas e possibilitou a produção de uma teologia da libertação colocada em prática na América Latina, e que irá transformar as relações da Igreja com a sociedade. Em sua caminhada, Dom Helder exerceu um papel fundamental para o povo e para a igreja, foi um homem e religioso de pensamento e atitudes, um profeta da libertação.

## Referências

ARAÚJO. Edvaldo Manoel de. *Dom Helder Camara: Profeta-peregrino da justiça e da paz*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2012.

---

grande Fundo mundial, sustentado por uma parte da verba das despesas militares, para vir em auxílio dos mais deserdados.

BARROS, Marcelo. *Dom Helder Camara*, profeta dos nossos dias. São Paulo: Paulus, 2011.

BARROS, Raimundo Caramuru; OLIVEIRA, Lauro de. *Dom Helder: o artesão da paz*. Brasília, DF: Senado Federal, 2000.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil*. De João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Dom Helder Camara e o Concílio Vaticano II, in ROCHA, Zildo (org.). *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.102 – 110.

BROUCKER, José de. *As noites de um profeta: Dom Helder Camara no Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2008.

CAMARA, Helder. Quanto mais negra é a noite, mais carrega em si a madrugada. Entrevista a Divane Carvalho, *Jornal do Brasil, sucursal Recife*. Recife, PE, 24 abr. 1977. In.: Secretaria Regional Nordeste II, CNBB, apostila 44. 6 fls. (mimeo.)

CONDINI, Martinho. *Dom Helder Camara: um modelo de esperança*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

\_\_\_\_\_. *Educar para a liberdade: a construção da educação libertadora de Dom Helder Camara à luz da pedagogia freireana*. Tese (doutorado) – Programa de Pós Graduação Educação: currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2011.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos para uma educação libertadora: Dom Helder Camara e Paulo Freire*. São Paulo: Paulus, 2014.

DUSSEL, Enrique. **Caminhos de libertação latino-americana** – Tomo I: interpretação histórico-teológica. São Paulo: Paulinas, 1985.

KLOPPENBURG, Boaventura (org.). **Pacto das Catacumbas**. Concílio Vaticano II: vol. V. Petrópolis: Vozes, 1966. p. 526-528.

MATER ET MAGISTRA. Evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Carta Encíclica de João XXIII, publicada em Roma em 15 de maio de 1961. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html). Acesso em 02.08. 2012.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara: o profeta da paz**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMPON, Ivanir A. **O caminho espiritual de Dom Helder Camara**. São Paulo: Paulinas, 2013.